

## ***Direto da Luta***

# **Janete Rosane Fabro: Uma mulher agricultora, agrônoma e militante da agroecologia**

**Depoimento colhido por**  
Luciano Zanetti Pessôa Candiotto



320

Janete Rosane Fabro, filha de Natal e Luiza, agricultores familiares viticultores do município de Farroupilha, Rio Grande do Sul. Desde 2002 faz parte da equipe da Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural (ASSESOAR) no município de Francisco Beltrão/PR.

“Direto da Luta” é uma seção de **AMBIENTES** criada para ajudar a “dar voz” a pessoas envolvidas com lutas populares e iniciativas coletivas em prol da justiça ambiental e, mais amplamente, da defesa de valores e práticas socioecologicamente emancipatórios. São depoimentos breves, que contam um pouco da trajetória, do trabalho realizado e das perspectivas de atuação da pessoa e de seu movimento/organização.

Trabalhávamos desde crianças na roça. Os filhos menores ajudavam nos locais de colheita (onde as parreiras eram baixas), no cuidado dos animais e no cultivo de batatas andinas, por exemplo. No momento do plantio, conduzindo os bois para fazer as linhas de plantio bem retas, colocávamos as batatas sementes nas plantadeiras manuais e, na época de colheita, as crianças juntavam as batatas menores que ficariam para sementes. Tudo era brincadeira e desde muito pequena eu adorava trabalhar com a terra.

Com seis anos de idade, decidi que queria fazer Agronomia, ao conhecer o livro de Fitopatologia do meu primo, que na época estudava na Universidade Federal de Pelotas/RS (UFPEl). Lembro que fiquei maravilhada ao ver minha madrinha, sua mãe, folhear aquele livro enorme para mim. Eu não conseguia pronunciar direito, mas disse que estudaria aquilo quando crescesse.

Na época, anos 90, já tínhamos mulheres agrônomas, mas poucas, e havia um tabu muito grande, pois “lugar de mulher era cuidando da casa”.

Sou a mais nova de quatro irmãos (Odete, Elizete e Flávio), e a única que pôde estudar. Minha família queria que eu fosse professora. Como eu desenhava bem e gostava de artes, fiz um ano de licenciatura em desenho na Universidade Federal de Santa Maria/RS

(UFSM). Enquanto isso, fui me preparando e fiz o vestibular para Agronomia, sem meus pais saberem.

No dia em que passei, foi uma comemoração muito grande; porém, meu pai me chamou a atenção para o desafio que seria uma mulher, filha de pequenos agricultores, pobre, cursar uma faculdade que era para homens – na sua grande maioria, filhos de fazendeiros.

A faculdade foi muito difícil. Éramos apenas duas mulheres, meu ensino médio não deu base suficiente para cursar as disciplinas de Engenharia, e, sendo mulher, tinha que provar o tempo todo que era inteligente e merecia estar ali. Como eu era muito pobre, vivia mais esta violência.

Trabalhei como faxineira para poder me sustentar e, no início do terceiro ano, me aproximei da disciplina de Entomologia, onde comecei a estagiar e dividir uma bolsa de estudos. A professora Sônia tinha como base de sua pesquisa controles alternativos das ditas “pragas”, e era tudo o que eu queria. Então segui como parte da equipe de pesquisa dela.

Ao me formar, em 1997, o Rio Grande do Sul, em especial a Serra Gaúcha, vivia uma grande crise na agricultura. Então, não consegui emprego, pois eu me recusei a vender veneno.

No município de Francisco Beltrão/PR havia uma vaga para trabalhar junto à prefeitura municipal, acompanhando a fruticultura na região, e fui indicada para assumir essa função.

Chegando aqui, no Sudoeste do Paraná, em 1997, deparei com uma equipe toda que trabalhava com produção orgânica, com o debate da creditação da produção pelas famílias e todo um movimento de várias organizações locais e regionais. Neste espaço participei da criação de agroindústrias, feiras, ampliação da produção de frutas no município e produção de sementes de milho e feijão.

Fiquei aproximadamente dois anos trabalhando na prefeitura de Francisco Beltrão. Após isso, fui para o município de Manguaçu/PR, trabalhar com o Reassentamento Itá, ligado ao Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). Lá, implantamos áreas de produção de sementes; crédito diferenciado com redução do uso de agrotóxicos e valorização da mão de obra; processos organizativos das famílias e agroindustrialização. Depois, trabalhei no movimento sindical, como educadora em duas turmas do curso Terra Solidária nos municípios de Francisco Beltrão e Marmeleiro/PR.

Ao finalizarem as turmas, fui trabalhar com o Movimento Sem Terra, acompanhando principalmente o município de Saudades do Iguaçu/PR.

Conheci o Sergio João Kaupka na secretaria de agricultura de Francisco Beltrão. Logo começamos a namorar e, na sequência, nos casamos. Sergio e eu participamos de um grupo de famílias que produziam de forma orgânica, e

tínhamos o propósito de agroindustrializar a produção. Então, montamos uma agroindústria com a marca “Sabor e Saúde”.

Nos intervalos de meu trabalho, trabalhávamos no sítio dos pais e do irmão do Sergio, e no ano de 1999 adquirimos parte do Sítio “Oásis Ecológico” em Francisco Beltrão. Lá, passamos a cultivar alimentos orgânicos, e já no ano seguinte, recebemos o certificado de produtores orgânicos via a Rede Ecovida de Agroecologia.

Além dos trabalhos voltados diretamente à produção, durante todos estes anos procurei me somar à luta das mulheres agricultoras, com o respaldo da minha história, para que outras mulheres, além de se organizarem e defenderem seus direitos, também se somassem à produção de alimentos saudáveis.

No ano de 2002, comecei a trabalhar na Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural (ASSESOAR), e no ano de 2003, nasceu o José Luan, meu filho.

Desde 1998, ano de lançamento do selo da Rede Ecovida de Agroecologia, estive presente nos debates, na organização e no fortalecimento do movimento agroecológico via Rede Ecovida de Agroecologia, através do Núcleo Sudoeste do Paraná. Enquanto ASSESOAR também participei da reorganização do Movimento Agroecológico Latino-Americano e do Caribe (MAELA), Setorial Sul. Em 2017, fui indicada para compor a coordenação geral da Rede Ecovida de Agroecologia, representando o Estado do Paraná,

onde permaneci até meados de 2022. Neste período, fortalecemos a certificação participativa, mesmo no período da pandemia da Covid-19. Também avançamos no protagonismo das mulheres nos processos formativos e organizativos da Rede. No ano de 2022 ingressei no Coletivo de Articulação Política da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), o qual participou ativamente nos processos eleitorais com a manifestação da agroecologia em relação a políticas públicas estruturais, as quais foram sistematizadas em uma carta compromisso que foi assinada por vários candidatos e candidatas.

Vejam, minha trajetória toda foi marcada pelo acompanhamento técnico às famílias reassentadas, assentadas e agricultoras familiares, o que, por si só, é um desafio. Nesse caminho, procurei contribuir para que essas famílias camponesas pudessem garantir renda e dignidade, permanecendo no campo com base na perspectiva de uma produção de alimentos agroecológicos.

Ter um local para experimentar muitas coisas, que posteriormente apresentava nos acompanhamentos técnicos foi fundamental, pois permitiu e permite que eu veja de forma mais

clara as dificuldades das famílias, entenda melhor as necessidades e possa buscar soluções. Nem sempre é algo enorme, com altos custos, que resolvem o problema!

A aceitação de uma jovem mulher com conhecimento em agricultura é algo que permanece até hoje como um grande empecilho para mais mulheres ingressarem nesta profissão, assim como mulheres serem as gestoras e protagonistas dos processos produtivos.

São muitos os desafios que necessitamos superar, que vão desde o reconhecimento das mulheres e juventudes e suas capacidades, valorização do potencial da agricultura familiar e camponesa, das florestas e das águas, para a produção de alimentos. Para isso, também se faz necessária uma reforma agrária efetiva. Na verdade, penso que são desafios estruturais relacionados à superação do modelo de agricultura adotado no país (agronegócio) e de todo o seu impacto negativo sobre os territórios. Nesse sentido, sigo na luta pela valorização da produção de alimentos sem agrotóxicos e pela expansão de tecnologias adaptadas à realidade das famílias camponesas.